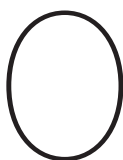


Prefácio

Fernando Lottenberg

Ex-presidente da Conib, comissário da Organização dos Estados Americanos (OEA) para Monitoramento e Combate ao Antissemitismo



O rabino Sobel desembarcou em São Paulo no início da década de 70, em um momento que em que a sociedade brasileira vivia tempos difíceis. Lembro perfeitamente do primeiro encontro que ele teve com a juventude da CIP.

Aprendemos, naquele momento, que um rabino podia ter aquela cara, aquele jeito, aquele sotaque e aquele corte de cabelo... Nosso paradigma, até então, era o saudoso rabino Fritz Pinkuss, uma figura austera, um erudito com sólida formação acadêmica.

A contratação de Sobel representou uma decisão ousada da CIP. Ele trouxe consigo a proximidade do relacionamento com a juventude, foi protagonista e gerenciou situações internas com determinação e coragem — atributos de sua personalidade — e também com sabedoria, influenciando toda uma geração. Muitas pessoas ativas na vida comunitária judaica brasileira se beneficiaram disso, dentre as quais me incluo.

As grandes pessoas são aquelas que deixam legados e marcas. Deixar um legado significa passar pela vida sem deixar sua vida passar. Significa fazer as escolhas de modo não automático, com objetivos e com propósito.

E Henry Sobel certamente foi uma dessas pessoas, fazendo parte de muitas histórias. Cada um de nós que com ele conviveu se recorda de uma — ou de algumas, como temos a oportunidade de ver ao longo deste livro, tão bem concatenadas por seu autor. E, normalmente com bom humor, o que também era uma característica sua. Afinal, a capacidade de rir de nós mesmos é um traço importante da tradição judaica. Neste sentido, é possível afirmar que ele deixou um grande legado, bem conhecido, que é a sua história pública e comunitária.

Sobel foi merecedor de muitas honrarias. Todos temos com ele uma dívida de gratidão, por sua atuação destemida, a partir dos valores huma-

nistas que vocalizava, ancorados na tradição judaica. Sua formação, no judaísmo liberal norte-americano, fortemente marcada pelo movimento dos direitos civis, passou a fazer parte de sua personalidade, traduzindo-se em sua atuação em prol dos direitos humanos.

Foi também um dos grandes expoentes do diálogo inter-religioso no Brasil, sendo o representante oficial da Conib neste tema, continuando uma tradição inaugurada por Hugo Schlesinger e pelo padre Humberto Porto, na esteira do Concílio Vaticano II. Desempenhava este papel com convicção e desenvoltura.

Mais do que isso, representou informalmente a comunidade judaica brasileira como nenhum outro. Durante muitos anos, foi sua face, reconhecida no Brasil e no mundo. Uma figura única, que gerava simpatia e admiração, que atraía olhares positivos, colocando a comunidade em um patamar distinto de visibilidade perante a opinião pública. Sem exagero, é possível afirmar que podemos dividir a história comunitária local em duas fases: pré e pós Sobel.

Foi, desse modo, um grande parceiro na atuação da Conib. Vários dos presidentes que me antecederam tiveram nele um importante apoio em momentos relevantes da vida nacional, a partir de sua sensibilidade diferenciada e aguçado instinto político.

É verdade que, como mostram vários episódios contados aqui, atuava de forma independente, o que enfraquecia a institucionalidade e gerava polêmicas, extravasando os limites da CIP - e também da Conib. Fazia aquilo que entendia que era o correto.

Passados os anos, podemos confirmar, a partir das histórias reproduzidas neste volume que, na grande maioria das vezes, esteve do lado certo - e fez a coisa certa. Devemos, assim, refletir e considerar o saldo altamente positivo de sua atuação e incorporá-lo, olhando para o futuro.

As pessoas passam e as instituições permanecem. Tivemos que aprender a agir sem sua presença. E o caminho escolhido, durante o período em que presidi a Conib, foi o de reforçar nossa institucionalidade e nossa marca, tornando-a, mais do que seus dirigentes, reconhecida como interlocutora representativa, perante as autoridades e a sociedade civil.

Não temos partido, mas temos lado. E o nosso lado, na liderança da comunidade judaica brasileira tem sido a defesa da democracia, dos direitos humanos, dos valores judaicos e das boas relações do Brasil com Israel.

Creio que, ao atuar desse modo, honramos o legado de Henry Sobel.